

Ululante

O homem não podia deixar passar o sorriso da hiena: tinha que se reservar ao direito ou (in)sanidade de ser o único ser que ri. Não, deixam aos artistas o lirismo, quando a razão pode apurar que o som produzido pelos canídeos que tanto me deixavam com medo em O Rei Leão é na verdade um "ulular", equivalente ao rugido dos seus adversários naturais e garotos-propaganda da MGM. Em outro caso, já foi denunciado que o ato de mostrar os dentes em forma de sorriso que os chimpanzés costumavam "performar" em peças publicitárias eram na verdade uma reação a algum tipo de castigo que lhes era provocado. Sim é vergonhoso e peço perdão por acabar com a infância de todos os que adoravam filmes com macacos sorridentes. É uma espécie de sadismo irônico descobrir que o riso do nosso parceiro evolutivo está associado à dor. O que reforça a ingrata tarefa que detemos, solitários, como soberanos da emoção (in)consciente.

José Saramago antes de partir deste cego (e por que não metalinguístico ?) mundo ainda teve tempo de nos presentear, com a mídia claro, responsável pelo embrulho deste regalo polêmico - sua definição para aquela nova rede social do passarinho azul: "Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido".

Como ser em processo de abandono do grunhido há alguns milhares de anos, não consigo deixar de ver isso como uma ofensa. Para com os que ainda grunhem, claro.

Falar, e falar bem nunca foi maior desafio para o homem: a cultura do "ser entendido" engoliu a linguagem em onomatopéias interjeições que até lembram um idioma. Passar uma mensagem compreensível virou tarefa difícil entre todas as classes e escolaridades e que por vezes a figura dos universitários como no finado Show do Milhão se ainda existisse em atuais condições, nos deixariam de mãos abanando. Pobre (do) vocabulário. A ditadura ferina (ou felina ?) do grunhido profetizado por Saramago se dá por meio as limitações escritas da ferramenta, não seria mais irônico: o "tweet" é o equivalente inglês do nosso curto "piu" dos pintinhos. Tenho medo que um dia os pintinhos saiam por aí perdidos em meio a rinha de galos que mais do que nunca é o atual

mercado de trabalho.

Não deixo de pensar que com toda a licença poética visceral do português (a língua e o Saramago) retroceder ao grunhido, até que não seria má idéia. Colegas que estudam línguas estrangeiras até procuram justificar nosso abandono ao conterrâneo de José, Camões, dizendo que outros idiomas por vezes não carregam a complexidade do nosso. E conversa-se muito sobre o quão específico se pode ser em uma determinada língua, ou como o francês parece talhado às artes e diplomacia. Você acha que o cachorro, as baleias, ou as hienas lá do começo do texto ligariam pra especificidade de um "en-passant" (que nós mesmos emprestamos dos ex-gauleses quando a nossa não dá conta) ou da tão festejada "saudade" quando você pode exprimir o seu âmago mais primitivo com uma só manifestação?

Meu pai sempre me contou sobre o que ele chama de pessoas que parecem ter o dom de falar pela boca de Deus, os receptores e relatores em inspiração quase mediúnica das mais belas palavras já escritas. Mas não consigo deixar de pensar que o "travessão" da escrita, da fala, é sempre aquém do real e impactante significado que gostaríamos de exprimir pinçando, pensando as tais belas palavras. Como o travessão do futebol, tão próximo ao gol e ainda sim, à margem do festejo completo o travessão das palavras sempre fica na intenção do grunhido que às vezes gostaríamos de dar. Um grunhido animal como argumento perfeito, da retórica combativa, da cantada infalível (ter penas de pavão também ajudaria no acasalamento é claro). Livros inteiros e canções inteiras de amor resumidos à meia-dúzia de gorjeios de um passaro, à dois latidos desesperados. E conseguindo dizer exatamente o que queria. Ou quase. Hienas, deixem a gente ulular um pouco agora ? Talvez vocês acabem rindo por último.

Pedro Malta